

A Segmentação Ocupacional do Mercado de Trabalho Brasileiro em uma Abordagem Regional

ANITA KON(*)

Resumo

O trabalho analisa as estruturas de emprego e de ocupações do País por regiões agregadas. A estrutura ocupacional é tipificada por meio de quatorze categorias ocupacionais, de forma a permitir comparações detalhadas Intra e entre os setores econômicos e Intra e Inter-regiões, de acordo com o nível de desenvolvimento econômico, tecnologia e configuração sócio-econômica. Neste sentido, analisam-se a segmentação e a heterogeneidade da estrutura produtiva brasileira, por um lado, regiões que apresentam características típicas de um país industrializado com elevada renda per capita, por outro, regiões que encerram fortes divergências tecnológicas e apresentam características típicas dos países pobres.

Palavras-chave: emprego regional, estrutura de emprego, estrutura ocupacional, mercado de trabalho, força de trabalho, divisão de trabalho, espaço, desenvolvimento sócio-econômico, assalariados, relações legais de emprego.

Abstract

This article analyses the employment and occupational structures in Brazil by aggregate regions. The occupational structure is typified by fourteen occupational categories so as to allow detailed intra and inter-economic sectors comparisons and intra - and inter-region comparisons, according to the level of economic development, the technological level and the socio-economic configuration. In this sense, the segmentation and heterogeneity of the Brazilian production structure are analysed: on the one hand, there are regions whose characteristics are typical of industrial countries with high per capita incomes; on the other hand, there are regions with marked technological differences and characteristics which are typical of poor countries.

Key words: regional employment, employment structure, occupational structure, labor market, labor force, division of labor, space, socio-economic development, wage earners, employment legal relations.

A autora é professora do Departamento de Economia da EAESP/FGV e da PUC/SP e doutoranda pelo IPE/USP.

(*) A autora agradece a orientação e sugestões da Profa. Maria Cristina Cacciamali e o apoio da Associação Brasileira de Estudos Populacionais-ABEP/Fundação Ford.

Introdução

Este trabalho se dedica ao exame da segmentação da estrutura ocupacional brasileira, a partir de informações empíricas, agregadas segundo critérios específicos que definem uma Tipologia de Ocupações, visando expressar as particularidades dos mercados de trabalho regionais.

Pretende-se verificar as divergências setoriais e espaciais na segmentação do trabalho no país, uma vez que se observa que a divisão social do trabalho internamente a uma nação se apresenta espacialmente diferenciada, tendo em vista regiões com diversos níveis de desenvolvimento econômico, como decorrência de condições históricas, naturais e político-sociais também diversificadas.

Estas divergências revelam-se no Brasil – que apresenta características típicas de um país em desenvolvimento situado entre as nações de renda per capita média alta⁽¹⁾ – como consequência do desenvolvimento capitalista verificado particularmente após a Segunda Guerra⁽²⁾. As características do caminho brasileiro de desenvolvimento econômico, têm redundado historicamente em uma parcela significativa de trabalhadores autônomos, enquanto que os vinculados a empresas se constituem, em um elevado montante, por ocupados que não possuem relações legais de trabalho através de registro em carteira profissional pelo empregador.

Por outro lado, a simultaneidade de tecnologias avançadas e tradicionais, em um mesmo espaço geográfico-econômico, demanda das forças de trabalho regionais uma disponibilidade de níveis de qualificação – expressos em ocupações específicas – que se configuram em sedimentações diferenciadas, de acordo com as características das estruturas produtivas regionais.

Dessa forma, objetiva-se neste estudo um conhecimento descritivo das características da força de trabalho enquanto estruturada em ocupações de diferentes níveis de vínculo empregatício e de qualificação. As interpretações sobre as causas desta segmentação encontram-se além do escopo deste trabalho, salientando-se que este documento resume parte das conclusões que estão inseridas em uma pesquisa mais ampla, que compreende aspectos teóricos complementares. Estes aspectos teóricos envolvem conceitos de estrutura ocupacional e de espacialidade na divisão do trabalho, prosseguindo com as idéias sobre o desenvolvimento econômico como modelador da estrutura ocupacional regionalizada⁽³⁾.

A fonte de informações disponíveis para esta análise, que possibilitasse a

(1) Conforme classificação do Banco Mundial em *World Development Report*.

(2) Veja-se KON (1988), KON (1985) e CACCIAMALI (1988).

(3) Para maiores detalhes veja-se documento de Tese de Doutorado a ser divulgado posteriormente.

agregação dos dados de acordo com as necessidades específicas da pesquisa, foi a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio—PNAD, para o ano de 1983, da qual se extraíram tabulações especiais.

A primeira parte deste estudo define os critérios adotados para a definição da Tipologia da estrutura ocupacional brasileira. Em seqüência é empreendida a análise empírica dos dados tabulados, em que se examina a segmentação da estrutura ocupacional brasileira para a economia como um todo, bem como a nível setorial e espacial, segundo o sexo, a condição de carteira assinada, o nível de escolaridade e o rendimento médio por horas trabalhadas.

Finalmente, observa-se as especificidades da segmentação, abordando separadamente os grupos de ocupações, segundo as mesmas características acima mencionadas.

1. Critérios Tipológicos para a Estrutura Ocupacional Brasileira

Os critérios para a determinação da tipologia da estrutura ocupacional brasileira, para efeito das análises objetivadas neste estudo, tiveram como intuito primordial a agregação das ocupações em grupos que apresentassem características comuns, de modo a possibilitarem uma observação da segmentação do trabalho de uma forma mais detalhada do que permitiam as informações disponíveis. Partindo-se de informações desagregadas constantes da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios—PNAD da FIBGE para o ano de 1983, procurou-se adaptar a classificação a ser efetuada a determinadas especificidades do mercado de trabalho brasileiro, observadas na literatura pertinente, no sentido de examinar suas manifestações regionais diversificadas.

Dessa forma, primeiramente foi estabelecida uma diferenciação básica entre as mesmas ocupações quer fossem exercidas dentro das estruturas organizacionais das empresas⁽⁴⁾, ou exercidas de forma autônoma pelo trabalhador ou empresário, ainda que estes pudessem oferecer seus serviços junto a empresas.

No âmbito das empresas, por sua vez, foi determinada preliminarmente uma categoria de ocupações que agrupasse a Classe Dirigente, composta por tomadores de decisões, proprietários e não proprietários, cujas condições tanto de qualificação quanto salariais devem ser examinadas separadamente. Esta conduta teve como base as constatações de recentes trabalhos de análise da estratificação ocupacional⁽⁵⁾ de que, com o desenvolvimento das relações ca-

(4) Considera-se como empresa neste contexto, as unidades de produção de bens e serviços públicos ou privados, compostas por empregados e empregadores, de qualquer tamanho e aporte de capital.

(5) Veja-se, entre outros, BACHA (1974), DAHRENDORF (1959) e CACCIAMALI (1983)

pitalistas de produção, verifica-se a ampliação de classes intermediárias de ocupações que se interpõem entre os trabalhadores e os empresários e, desse modo, aparece a decomposição do trabalho das classes superiores, causada pela separação entre a propriedade e o controle da empresa, surgindo uma classe executiva, ao lado da classe dos proprietários. Dessa forma, a divisão social do trabalho dentro de uma empresa capitalista se faz a partir das classes dirigente e dirigida.

Na esfera da classe dirigida, a estruturação dos empregos e sua dinâmica pode ser observada a partir dos estabelecimentos – sejam ou não unidades de produção – tendo em vista sua organização hierárquico-funcional, ou a partir do estudo do emprego (ocupação) em si, ou seja, seu conteúdo e suas características. Em ambos os enfoques salientam-se as diversas possibilidades de estruturação do trabalho em um país, nos diferentes contextos técnico-econômico dados⁽⁶⁾, em decorrência de uma margem substancial de liberdade com relação às tecnologias escolhidas pelos empresários, que se confrontam com aspectos da natureza da oferta da mão-se-obra em um dado espaço sócio-político-econômico.

Portanto, a definição das categorias ocupacionais para fins de análise desta estruturação pode ter como abordagem os postos de trabalho (demanda de mão-de-obra) ou os trabalhadores (oferta de mão-de-obra). No primeiro caso, os critérios de classificação se dirigem às exigências requeridas pelo emprego, particularmente à qualificação vista como experiência e formação necessária, esforço requerido, grau de responsabilidade e condições de trabalho, do ponto de vista dos requisitos demandados pela empresa, decorrentes dos métodos de produção empregados. Pela ótica dos trabalhadores, a classificação é definida pelos aspectos de qualificação relativos à formação – seja via escolaridade formal ou treinamento no trabalho – à capacidade ou atitude das pessoas e demais características reveladas pela oferta de trabalho (sexo, idade e outras condições sociais).

Questiona-se se é factível esta divisão de critérios, uma vez que a realidade do processo de trabalho revela que não é possível dissociar-se as características da força de trabalho, do tipo de equipamento utilizado e do modo de divisão do trabalho, havendo laços entre a tecnologia empregada e a força de trabalho existente (o que não quer dizer que deva haver harmonia entre estes elementos). A estruturação do trabalho, então, evolui dentro de um sistema de fatores interdependentes, no qual a formação do trabalhador desempenha papel importante e sua qualificação se situa na intersecção dos sistemas produtivo e educativo⁽⁷⁾. Se no curto prazo a estruturação do trabalho nesta esfera

(6) Veja-se D'IRIBARNE & VIRVILLE (1978)

(7) Conforme D'IRIBARNE & VIRVILLE (1978, p.33).

depende da escolha de combinações produtivas daquele contexto histórico-econômico-social, no longo prazo esta estruturação se inscreve não só na evolução dos processos físicos de produção, mas também, na evolução dos recursos humanos e às escolhas econômicas e tecnológicas se associam as escolhas educativas.

Portanto, as categorias econômicas, que englobam diferentes funções e ocupações da classe dirigida neste estudo, abordam critérios do ponto de vista da demanda por mão-de-obra que, no entanto, são definidos de acordo com a formação ou qualificação necessária para o preenchimento do emprego, como veremos posteriormente. Esta classificação pelos postos de trabalho, que revelam determinadas exigências de qualificação, permite a análise da desqualificação da mão-de-obra, quando são confrontadas estas categorias ocupacionais com o nível de escolaridade dos trabalhadores ali alocados. Nesse sentido, a desqualificação é detectada quando há uma subutilização dos conhecimentos e da capacidade dos trabalhadores, ou ainda quando um indivíduo encontra-se desqualificado com relação a um grupo de trabalhadores que possui o mesmo nível de formação, se ele se situar em um emprego hierarquicamente mais baixo⁽⁸⁾.

Observa-se ainda no âmbito das ocupações das empresas, que a estruturação do trabalho pode se verificar de forma grandemente diferenciada entre setores produtivos, no que se refere, por um lado, às funções que exigem o emprego de força ou habilidade e reflexos físicos, ao lado de funções que demandam um número de conhecimentos intelectuais voltados para a produção da empresa e, por outro, as funções puramente administrativas. A análise da contribuição separada destas duas áreas, em termos tanto da absorção da mão-de-obra, quanto dos níveis salariais diferenciados, por setor e por região, norteou o estudo das funções empreendidas na área da Produção propriamente dita, separadamente da área Administrativa. Nesse sentido, para alguns setores de atividades de serviços, determinadas ocupações podem se caracterizar como pertencentes à primeira área, enquanto que se fossem localizadas nos demais setores seriam consideradas como administrativas⁽⁹⁾. Assim, para citar um exemplo, uma ocupação de Contador é considerada como pertencente à área de Produção se o trabalhador se situar como empregado assalariado em uma empresa de Contabilidade do setor de Prestação de Serviços, ou à área administrativa nas empresas dos demais setores, ou ainda como Profissional Liberal se exercer a atividade por conta própria individualmente. A separação destas duas áreas decorre ainda da verificação encontrada na literatura

(8) Veja-se FAUGÉRE & VOISIN (1978).

(9) Para maiores detalhes sobre a discussão e conceituação das características produtivas das atividades de serviços, consulte-se KON (1985).

mencionada, de que a decomposição do capital em uma diversificação crescente de técnicas e ramos, como resultado da inovação tecnológica crescente, conduz a uma diferenciação progressiva nos quadros dos assalariados, dos ditos funcionários burocratas (*white collar*), dos manuais (*blue collar*). Ambas as áreas também se organizam de uma forma hierárquica, existindo a observação de que ao lado da divisão funcional do trabalho existe o aspecto da subordinação que garante a operação sem fricção do processo produtivo, ao estabelecer relações de autoridade entre as diferentes posições. Esta forma de organização hierarquizada é uma característica fundamental e necessária da forma de organização capitalista de produção, porém, é também uma característica universal da sociedade industrial não apenas capitalista.

Tanto para as funções da Produção quanto da Administração, considera-se como critério básico para classificação os níveis de qualificação hierarquizados, subdividindo-os em Qualificados, Semiqualificados ou Não-qualificados, de acordo com as seguintes características:

a) **Qualificados**, compreendendo os profissionais que executam todas as operações de uma ocupação qualificada, ou seja, aquela que demanda habilidade manual⁽¹⁰⁾, às vezes em alto grau, requerendo conhecimentos de processos e técnicas operacionais, capacidade de julgamento e iniciativa e, em certos casos, responsabilidade por produtos ou materiais de alto custo ou serviços específicos. Estes, tanto podem ser ligados à produção ou operação, quanto vinculados à hierarquia gerencial. Partindo desta conceituação, observa-se que neste contexto podem se engajar trabalhadores que possuem nível de escolaridade superior, qualificando-se por meio de educação formal, quanto os que detêm nível médio de escolaridade, porém adquiriram alto grau de qualificação via treinamento *on the job*, ou outros meios não formais de especialização. Dessa forma, no sentido de observar as situações diferenciadas hierarquicamente destas classes de trabalhadores, foram selecionadas duas categorias de Qualificados, ou seja, Nível 1 para os técnicos de escolaridade média (como por exemplo, técnicos em edificações, em química, farmácia, enfermeiras e parteiras não diplomadas, operadores de rádio e TV, técnicos em contabilidade, em estatística, programadores de computador etc.) e Nível 2 para os profissionais com educação superior (como professores, magistrados, engenheiros, químicos, médicos, enfermeiras diplomadas, matemáticos, analistas de sistemas, contadores, entre outros);

b) **Semiqualificados**, correspondendo a trabalhadores que possuem ocupações caracterizadas por um ou mais dos seguintes requisitos: utilização de destreza manual limitada a operações sujeitas a automatismo, cuja execução exige normalmente atenção, coordenação psicomotora e conhecimentos técni-

(10) Esta característica pode ser prescindível em algumas atividades.

cos rudimentares. Ainda dentro desta categoria, pode existir uma gama de níveis de qualificação ou de responsabilidade, seja para uma mesma ocupação ou para ocupações diferentes e que podem apresentar comportamentos diversos dentro da estrutura ocupacional. Por exemplo, uma ocupação da produção da Construção Civil pode apresentar responsabilidades e conhecimentos altamente diferenciados na gama de cargos de uma empresa, entre os que se situam na esfera de semiquualificados, podendo localizar-se desde a condição de simples pedreiro até de mestre em determinada função do setor. Portanto, também foram considerados dois níveis de grupos para efeito de estudo, quais sejam: Nível 1, com menor grau de responsabilidade (como, por exemplo, os trabalhadores agrícolas, pescadores, trabalhadores manuais em ocupações da indústria como laminadores, polidores, operadores de prensa, fresadores, entre outros, barbeiros cabeleireiros, cozinheiros, datilógrafos, recepcionistas, escrivães etc.) e Nível 2, com maior grau de responsabilidade e conhecimentos (como os mestres de indústrias, maquinistas de embarcações e trens, motoristas, caixas nas Atividades Financeiras, corretores, secretárias, inspetores, fiscais e outros). Observa-se que na análise destas ocupações existe a consciência de diferenciações no nível de responsabilidade e conhecimentos dentro de uma mesma ocupação, que não são passíveis de serem detectadas a partir das informações pesquisadas na PNAD. Assim, por exemplo, não é possível fazer distinção entre uma secretária executiva e uma secretária que exerce as funções de datilógrafa, a não ser por níveis de rendimentos ou de escolaridade.

c) **Não-qualificados**, correspondendo a trabalhadores de ocupações que envolvem a execução de tarefas ou operações simples, que podem ser aprendidas em pouco tempo e não requerem capacidade de julgamento nem conhecimentos técnicos rudimentares (como, por exemplo, estivadores, carroceiros, lixeiros, carregadores, lavadeiras, engraxates, porteiros, ascensoristas, contínuos, vigias etc.)⁽¹¹⁾.

No âmbito das ocupações exercidas de forma autônoma, encontram-se as denominadas "Conta Própria" pela FIBGE, conceituadas como formas de organização da produção em que o produtor é o possuidor dos instrumentos de trabalho e vende seus serviços ou mercadorias diretamente ao consumidor, com práticas de trabalho individualistas. Dentro da conceituação dos autônomos, considerou-se merecerem classificação separada: a) os Profissionais Liberais, que apresentam características específicas de qualificação, rendimentos e outras; b) as ocupações relacionadas aos serviços domésticos remunerados, que no Brasil revelam requisitos e comportamentos próprios que impedem a agregação a outros autônomos como, por exemplo, a possibilidade de contrato

(11) A agregação de todas as ocupações nas categorias específicas encontra-se discriminada em detalhes no documento original da Tese de doutoramento a ser publicada posteriormente.

com carteira de trabalho assinada e as formas de remuneração em espécie; c) os demais trabalhadores autônomos não considerados acima, os quais foram agregados em uma mesma categoria.

Portanto, podemos resumir os critérios de classificação, como:

- a) Pertencentes à organização empresarial ou autônomos;
- b) Hierarquia: Classe Dirigente ou Dirigida;
- c) Posição no processo de produção: área da Produção ou área da Administração;
- d) Qualificação: Qualificados (Níveis 1 e 2), Semiqualificados (Níveis 1 e 2) e Não-qualificados.

Dessa forma, sumariando, a Tipologia de Ocupações a ser utilizada neste trabalho deverá observar a seguinte disposição:

- CD = Classe Dirigente
- PQ1 = Ocupações da Produção, Qualificados Nível 1
- PQ2 = Ocupações da Produção, Qualificados Nível 2
- PSQ1 = Ocupações da Produção, Semiqualificados Nível 1
- PSQ2 = Ocupações da Produção, Semiqualificados Nível 2
- PNQ = Ocupações da Produção, Não-qualificados
- AQ1 = Ocupações da Administração, Qualificados Nível 1
- AQ2 = Ocupações da Administração, Qualificados Nível 2
- ASQ1 = Ocupações da Administração, Semiqualificados Nível 1
- ASQ2 = Ocupações da Administração, Semiqualificados Nível 2
- ANQ = Ocupações da Administração, Não-qualificados
- CPPL = Conta Própria, Profissionais Liberais
- SD = Serviço Doméstico Remunerado
- CPO = Conta Própria, Outros.

2. A Segmentação Ocupacional Brasileira

2.1. A Estruturação no Global da Economia

Da população ocupada do país como um todo, cerca de 74% se apresentam distribuídos em ocupações relacionadas a formas de produção dentro de empresas⁽¹²⁾. A classe dirigente, composta por proprietários e demais executivos e burocratas, como administradores, gerentes e demais "tomadores de decisão", corresponde, em média, a 5% dos trabalhadores.

A classe dirigida, por sua vez, compreende ocupações da área da produção das empresas (cerca de 55% dos ocupados) dos quais 5,3% referem-se a

(12) De acordo com a Tipologia de Ocupações adotada neste estudo.

qualificados com nível médio e superior de escolaridade, 44% a semiquualificados – destes situando-se a maior parcela, em torno de 40%, entre os que possuem menor grau de conhecimento e de responsabilidade nas tarefas da produção – e aproximadamente 6% são não-qualificados (tabela 1).

Em ocupações da área administrativa das empresas, ou seja, burocráticas ou de escritório, participam 14% dos trabalhadores, que se distribuem em 1,7% de qualificados de nível médio e superior de escolaridade, 8% de semiquualificados e em torno de 4% de não-qualificados.

Os trabalhadores que se dedicam a atividades por conta própria, correspondem a pouco mais de 26% do total de ocupados para a média do país, sendo que menos de 0,5% referem-se a Profissionais Liberais, mais de 7% dedicam-se a serviços domésticos remunerados e 19% a outras ocupações desempenhadas de forma autônoma.

2.2. A Segmentação nos Setores Produtivos

A distribuição das ocupações pelas categorias selecionadas se apresenta setorialmente diferenciada, tendo em vista as especificidades dos processos produtivos de cada ramo de atividade e das formas de organização da produção que assumem prioridade nos diferentes setores (tabela 1).

Observando-se a divisão de trabalhadores entre atividades nas empresas ou autônomas, verifica-se que as formas de produção por conta própria apresentam maiores participações nos setores Primário, Comércio, Serviços de Reparação e principalmente nos Demais Serviços, sendo ainda relevante na Construção Civil e nos Serviços Auxiliares às Empresas. Nos demais setores, a participação dos ocupados nas empresas é superior a 90%, sendo que na Construção cerca de 67% correspondem às frentes governamentais de trabalho no Nordeste, no ano.

Internamente às empresas, a divisão funcional hierárquica do trabalho também se revelou bastante diferenciada entre setores, relacionadas à natureza da produção (de bens ou de serviços) e ao grau de desenvolvimento tecnológico e de modernização organizacional em cada setor. Assim, em setores mais modernos observa-se que a participação da classe dirigente é superior e os ocupados da área administrativa também mostram maior relevância, tendo em vista que a crescente subdivisão de tarefas em empresas de grande porte e elevado grau de inovação tecnológica demanda maior parcela de administradores, executivos e gerentes, bem como de pessoal dedicado à organização administrativa⁽¹³⁾.

(13) Conforme GALBRAITH (1982), BACHA (1974), SCOTT & STORPER (1988) SCHOENBERGER (1988) TAOUILLE & OLIVEIRA (1987).

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA NAS CATEGORIAS OCUPACIONAIS, SEGUNDO O SETOR
BRASIL
 (%)

Categorias Ocupacionais	PRIMÁRIO				SECUNDÁRIO				TERCIÁRIO				TOTAL	
	Agrop.	Ind. Transf.	Ind. Constr.	Ind.(1) Ativ. Ind.	Outras Ativ. Ind.	Comércio	Transp. e Comun.	Ativ. Financ.	Serv. Soc.	Adm. Publ.	Serv. Repar.	Serv. Auxil. Empr.		Dêmais Serv.
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Empresas	73,5	91,2	80,9	99,9	67,4	97,4	94,7	95,8	60,6	84,4	26,0	73,6		
Classe Dirigente	4,0	6,0	2,0	3,4	10,8	2,9	9,8	3,9	9,1	8,3	3,1	5,1		
Produção	69,4	69,7	74,6	74,2	40,5	82,0	21,8	63,2	46,7	34,0	14,8	54,5		
Qualific. 1	0,1	2,0	0,3	2,8	0,2	1,2	1,3	15,3	0,4	2,3	0,8	1,9		
Qualific. 2	0,02	0,8	0,7	3,4	0,2	1,0	0,2	37,4	0,03	4,5	0,01	3,4		
Semiqua. 1	68,4	59,8	36,2	60,1	32,4	19,3	4,2	8,8	44,5	20,7	10,6	39,8		
Semiqua. 2	0,3	3,3	2,5	5,0	2,7	51,1	16,0	0,8	0,4	2,3	0,6	3,8		
Não-qualif.	0,5	3,8	34,9	2,9	5,0	9,4	0,1	0,9	1,4	4,2	2,8	5,6		
Administração	0,1	15,5	4,3	22,3	16,1	12,5	63,1	28,7	4,8	42,1	8,1	14,0		
Qualific. 1	0,02	2,2	0,5	3,7	0,9	1,6	8,4	0,9	0,2	4,5	0,1	1,1		
Qualific. 2	-	0,8	0,1	1,6	0,3	0,5	2,3	-	0,03	0,02	0,1	0,6		
Semiqua. 1	0,1	7,2	2,1	9,7	11,4	6,6	37,9	10,0	1,2	26,7	1,0	6,9		
Semiqua. 2	0,01	1,2	0,3	2,3	0,7	1,2	3,1	5,2	0,3	4,1	0,1	1,3		
Não-qualif.	0,01	4,1	1,3	5,0	2,8	2,6	11,4	12,6	3,1	6,8	6,8	4,1		
Conta Própria	26,5	8,8	19,1	0,1	32,6	2,6	5,3	4,2	39,4	15,6	74,0	26,4		
Prof. Liberais	-	-	-	-	-	-	-	2,6	-	8,4	-	0,4		
Serv. Domest.	-	0,1	0,1	-	0,1	-	-	0,1	0,1	0,1	50,5	7,4		
Outros	26,5	8,7	19,0	0,1	32,5	2,6	5,3	1,5	39,3	7,1	23,5	18,8		
Participação setorial	27,2	14,0	9,6	1,3	10,6	3,7	2,6	7,4	2,3	2,5	14,6	100		

Nota: (1) Incluídas as frentes de trabalho de emergência no Nordeste.
 Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulação Especial FIPE/USP.

Nos setores Primário e Secundário, a maior parte dos ocupados localizam-se na área de produção (70% e 75%, respectivamente), correspondendo principalmente a semiquualificados de menor responsabilidade. Por outro lado, enquanto o setor Primário apresenta uma diversificação pouco significativa na segmentação do trabalho interna às empresas, quando comparado à média da economia, no setor Secundário esta divergência é de nível superior, porém ainda não muito considerável e é no Terciário que se verificam as maiores diferenças nas estruturas ocupacionais dos gêneros, tendo em vista o caráter heterogêneo das atividades terciárias. Neste último setor, verifica-se que alguns gêneros revelam uma participação considerável de ocupados na área da produção, porém em setores como Atividades Financeiras, Administração Pública e Serviços Auxiliares às Empresas a maior parte dos trabalhadores dedica-se a atividades burocráticas e de escritório.

Observa-se, também, que em quase a totalidade dos setores econômicos, os ocupados da área administrativa concentram-se, primordialmente, entre os semiquualificados de menor nível de responsabilidade.

2.3. A distribuição Espacial da Estrutura Ocupacional

O processo de divisão espacial do trabalho, internamente a um país, tem como base as diversas condições naturais do território e da população em si, por um lado e, por outro, diferentes determinismos históricos, que no decorrer do desenvolvimento econômico irão se refletir nas formas de acumulação crescente do capital, com repercussões na realocação dos fatores produtivos e em mudanças estruturais relevantes na segmentação ocupacional. Assim, a configuração apresentada pela segmentação das ocupações em um dado espaço econômico, a par da natureza de sua oferta de mão-de-obra, é moldada ainda pela dinâmica deste desenvolvimento econômico observado em cada realidade e pelo grau de especialização regional em certos setores, que se apresentam com maior ou menor dinamismo.

Assim, a segmentação ocupacional brasileira apresenta também diferenciações espaciais, embora não tão consideráveis quanto as setoriais (tabelas 2 e 3). As regiões que concentram maior participação de ocupados do país, que são o Nordeste e São Paulo, apresentam as maiores divergências na segmentação ocupacional, haja vista as estruturas produtivas altamente diferenciadas destes espaços. O Nordeste revela os padrões menos dinâmicos de produção do país, que se refletem em uma estrutura de ocupações em que predominam as atividades agropecuárias e terciárias mais tradicionais. Já São Paulo, apresenta uma estrutura produtiva onde coexistem setores altamente avançados – particularmente na Indústria de Transformação – com setores mais tradicionais

TABELA 2

PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA NOS SETORES DE ATIVIDADE, SEGUNDO AS REGIÕES (%)

Setores	Brasil	R I RJ	R II SP	R III Sul	R IV MG e ES	R V NE	R VI DF e CO	R VII N
Sector Primário	27,2	5,6	11,5	40,7	36,9	36,4	28,1	9,4
Sector Secundário(1)	24,9	24,8	33,1	19,3	17,7	27,0	16,8	23,3
Ind. Transformação	14,0	15,1	25,4	13,2	9,7	8,2	7,3	12,9
Ind. Construção(1)	9,6	8,5	6,8	5,1	6,7	17,3	6,7	7,3
Outras Ativ. Ind.	1,3	1,2	0,9	1,0	1,3	1,5	2,8	3,1
Sector Terciário	47,9	69,6	55,4	40,0	45,4	36,6	55,1	67,3
Comércio	10,6	13,1	11,9	9,2	9,0	9,3	11,3	17,8
Transp. e Comun.	3,7	5,3	4,6	3,3	3,4	2,5	3,5	5,6
Ativid. Financeiras	2,6	4,1	4,3	2,2	2,0	1,1	2,7	2,2
Serviços Sociais	7,4	10,6	8,0	6,1	7,0	6,5	8,3	10,5
Adm. Pública	4,1	6,9	3,4	3,6	3,3	3,4	7,1	8,9
Serv. Reparação	2,3	2,9	2,7	2,2	2,3	1,7	2,6	3,1
Serv. Aux. Empr.	2,5	3,9	3,8	2,3	2,1	1,2	2,7	3,3
Demais Serviços	14,6	22,8	16,5	11,1	16,3	11,0	17,0	15,8
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Participação Regional(2)	100	9,9	23,2	17,7	12,8	27,4	6,6	2,3

Notas: (1) Incluídas as frentes de trabalho do Nordeste.

(2) População ocupada da região/Total do país.

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulação Especial - FIPE/USP.

TABELA 3

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA POR CATEGORIA OCUPACIONAL, SEGUNDO AS REGIÕES (%)

	Brasil	R I RJ	R II SP	R III Sul	R IV. MG e ES	R V NE	R VI. DF e CO	R VII N
Empresas	73,6	74,1	79,3	73,3	72,6	70,5	69,1	71,4
Classe Dirigente	5,1	6,4	6,7	4,8	5,6	2,9	6,7	5,0
Produção	54,5	45,5	53,8	56,7	56,3	58,3	47,2	46,3
Qualific. 1	1,9	2,4	2,8	1,5	1,6	1,2	1,9	2,6
Qualific. 2	3,4	5,0	3,2	3,0	3,4	3,1	3,5	4,7
Semiqualf. 1	39,8	30,7	39,9	46,6	45,5	37,4	35,7	30,3
Semiqualf. 2	3,5	4,7	5,2	3,6	3,4	2,6	3,8	5,2
Não-qualif.	5,6	2,7	2,7	2,0	2,4	14,0	2,3	3,5
Administração	14,0	22,2	18,8	11,8	10,7	9,3	15,5	20,1
Qualific. 1	1,1	1,8	1,6	1,1	0,8	0,7	1,0	1,8
Qualific. 2	0,6	1,2	0,7	0,6	0,4	0,4	1,0	0,8
Semiqualf. 1	6,9	10,8	9,8	6,1	5,5	4,2	6,9	9,1
Semiqualf. 2	1,3	2,3	1,4	0,9	0,8	0,9	2,1	2,1
Não-qualif.	4,1	6,1	5,3	3,1	3,2	3,1	4,5	6,3
Conta Própria	26,4	25,9	20,7	26,7	27,4	29,5	30,9	28,6
Prof. Liberais	0,4	0,7	0,6	0,4	0,5	0,2	0,4	0,2
Serv. Domest.	7,4	11,2	8,0	5,7	9,2	5,2	10,0	7,3
Outros	18,6	14,0	12,1	20,6	17,7	24,1	20,5	21,1
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: FIBGE – PNAD/1983, Tabulação Especial – FIPE/USP.

e um grande número de ocupados autônomos. Assim, nesta última região, as ocupações da classe dirigente e administrativas são mais numerosas relativamente e as da produção participam com menor número do que na região anterior.

Em seqüência, no concernente à participação de ocupados do país, se colocam o Sul e a região que engloba Minas Gerais e Espírito Santo, que apresentam estrutura produtivas semelhantes e fortemente baseadas na agropecuária, apresentando um padrão de segmentação ocupacional aproximado à média global do país.

As regiões do Rio de Janeiro e Norte, também revelam estruturas produtivas aproximadas, tanto com relação à distribuição dos ocupados pelos setores quanto nas categorias ocupacionais. Ambas apresentam poucos trabalhadores no Primário, 1/4 dos ocupados na Indústria de Transformação e o maior percentual (quase 70%) no Terciário. As maiores divergências na segmentação dos trabalhadores ocorrem entre autônomos que, no Rio de Janeiro, apresentam maior participação na categoria Profissionais Liberais, sendo a divisão funcional dentro das empresas semelhantes entres estas duas regiões e apenas no Rio de Janeiro a classe dirigente é superior. Com relação à média nacional, as diferenças mais acentuadas referem-se a um maior percentual na área administrativa destas regiões e menor número de ocupados na produção.

A região Centro Oeste, que inclui o Distrito Federal, caracteriza-se por agregar a maior parte de trabalhadores no setor Terciário da capital do país, contrabalançando as atividades agropecuárias relevantes no resto deste espaço. A proporção de trabalhadores autônomos é a maior do país e, dentro da empresa, a classe dirigente é relativamente mais importante do que nas demais regiões, equiparando-se a São Paulo, e a estruturação dos ocupados nas demais categorias ocupacionais na empresa apresenta um padrão intermediário entre as regiões mais industrializadas e as mais agrícolas.

2.4. A Distribuição nas Categorias Ocupacionais Segundo o Sexo

A distribuição dos ocupados nas categorias ocupacionais segundo o sexo revela, inicialmente, que os homens compreendem em média 67% (tabelas 4 e 5). Destes, 78% estão alocados em empresas, sendo 6% na classe dirigente, enquanto que das mulheres 65% trabalham em empresas e 2,5% pertencem à classe dirigente. A participação do sexo feminino nas ocupações burocráticas e de escritório é mais significativa que a do sexo masculino, o contrário se dando na produção e, entre os homens, os ocupados em atividades autônomas é maior do que entre as mulheres.

Do total de ocupados nas empresas, 71% são homens, com participações

TABELA 4

PARTICIPAÇÃO DE HOMENS OCUPADOS, POR CATEGORIAS OCUPACIONAIS, SEGUNDO O SETOR
BRASIL

Categorias Ocupacionais	Agrop.	Ind. Transf.	Ind.(1) Constr.	Outras Ativ. Ind.	Comércio	Transp. e Comun.	Ativ. Financ.	Serv. Soc.	Adm. Publ.	Serv. Repat.	Serv.Auxil. Empr.	Demais Serv.	Total	(%)
Empresas	71,0	75,7	91,8	92,2	68,8	92,3	67,9	26,3	82,5	96,8	70,3	63,5	71,0	
Classe Dirigente	96,7	88,9	97,1	90,9	82,6	93,3	89,5	44,6	68,6	95,1	86,8	70,2	84,5	
Produção	69,5	75,6	92,3	97,1	71,1	96,2	68,2	22,3	82,5	99,3	85,5	58,5	72,2	
Qualific. 1	96,5	91,2	100	88,8	79,6	86,3	77,7	26,3	65,6	100	81,9	70,1	48,6	
Qualific. 2	100	87,7	96,0	93,1	42,4	93,8	80,3	16,0	60,9	100	75,6	82,4	26,7	
Semiquail. 1	69,1	72,9	98,8	97,5	65,3	86,0	58,1	33,6	83,4	99,3	83,9	58,4	73,1	
Semiquail.2	100	97,7	96,5	99,6	99,5	99,7	69,7	98,6	99,5	100	100	96,0	95,9	
Não-qualif.	96,6	88,7	85,1	98,2	94,2	99,4	95,9	33,1	99,0	99,3	98,0	48,1	84,8	
Administração	83,7	68,8	81,6	75,8	53,9	66,6	64,4	32,6	73,3	76,0	54,7	69,3	61,5	
Qualific. 1	95,9	84,3	85,5	91,5	79,2	77,5	78,7	54,8	78,1	73,8	71,1	71,0	78,7	
Qualific. 2	90,8	83,0	77,0	80,9	75,2	71,2	87,9	-	85,6	100	46,3	63,0	83,6	
Semiquail. 1	73,3	63,5	83,1	71,0	46,5	65,8	57,2	29,5	77,6	42,3	53,7	51,9	58,7	
Semiquail. 2	93,4	18,3	22,0	48,7	22,3	28,8	21,1	19,5	44,2	-	8,1	38,5	26,5	
Não-qualif.	89,6	82,0	91,7	83,9	80,7	78,5	84,3	38,9	67,9	97,5	76,0	72,5	68,7	
Conta Própria	92,1	55,7	99,8	39,8	70,7	99,6	94,4	54,1	-	99,2	78,4	13,3	56,3	
Prof. Liberais	-	-	100	-	-	-	-	56,8	-	-	83,1	-	70,6	
Serv. Domest.	-	69,0	100	-	83,7	-	100	73,0	-	100	100	4,8	5,1	
Outros	92,4	55,6	99,8	39,8	76,6	99,6	94,4	48,8	-	99,2	72,5	32,0	76,4	
Total	76,6	73,7	93,4	92,1	69,4	92,2	69,4	27,5	75,5	97,7	71,6	26,6	67,1	

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulação Especial FIPE/USP.

TABELA 5
PARTICIPAÇÃO DE MULHERES OCUPADAS, POR CATEGORIAS OCUPACIONAIS, SEGUNDO O SETOR
BRASIL

Categorias Ocupacionais	Agrop.	Ind. Transf.	Ind. Constr.	Outras Ativ. Ind.	Comércio	Transp. e Comun.	Ativ. Financ.	Serv. Soc.	Adm. Publ.	Serv. Repar.	Serv. Auxil. Empr.	Demais Serv.	Total
Empresas	29,0	24,3	8,2	7,8	31,2	7,7	32,1	73,7	17,5	3,2	29,7	36,5	29,0
Classe Dirigente	3,3	11,1	2,9	9,1	17,4	6,7	10,5	55,4	31,4	4,9	13,2	29,8	15,5
Produção	30,5	24,4	7,7	2,9	28,9	3,8	31,8	77,7	17,5	0,7	14,5	41,5	27,8
Qualific. 1	3,5	8,8	-	11,2	20,4	13,7	22,3	73,7	34,4	-	18,1	29,9	51,4
Qualific. 2	-	12,3	0,4	6,9	57,6	6,2	19,7	84,0	39,1	-	24,4	17,6	73,3
Semiqua. 1	30,9	27,1	1,2	2,5	34,7	14,0	41,9	66,4	16,6	0,7	16,1	41,6	26,9
Semiqua. 2	-	2,3	3,5	0,4	0,5	0,3	30,3	1,4	0,5	-	-	4,0	4,1
Não-qualif.	3,4	11,3	14,9	1,8	5,8	0,6	4,1	66,9	1,0	0,7	2,0	51,9	15,2
Administração	16,3	31,2	18,4	24,2	46,1	33,4	35,6	67,4	26,7	24,0	45,3	30,7	38,5
Qualific. 1	4,1	15,7	14,5	8,5	20,8	22,5	21,3	45,2	21,9	26,2	28,9	29,0	21,3
Qualific. 2	9,2	17,0	23,0	19,1	24,8	28,8	12,1	100	14,4	-	53,7	37,0	16,4
Semiqua. 1	26,7	36,6	16,9	29,0	53,5	34,2	42,7	70,5	22,4	57,7	46,3	48,1	41,3
Semiqua. 2	6,6	81,7	78,0	51,3	77,7	71,2	78,9	80,5	55,8	100	91,9	61,5	73,5
Não-qualif.	10,4	18,0	8,3	16,1	19,3	21,5	15,7	61,1	32,1	2,5	24,0	27,5	31,3
Conta Própria	7,9	44,3	0,2	60,2	29,3	0,4	5,6	45,9	-	0,8	21,6	86,7	43,7
Prof. Liberais	-	100	-	-	-	-	-	43,2	-	-	16,9	-	29,4
Serv. Domest.	-	31,0	-	-	16,3	-	-	27,0	-	-	-	95,2	94,9
Outros	7,9	44,4	0,2	60,2	23,4	0,4	5,6	51,2	-	0,8	27,5	68,0	23,6
Total	23,4	26,3	6,6	7,9	30,6	7,5	5,6	72,5	24,5	2,3	28,4	73,4	32,9

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulação Especial FIPE/USP.

de 85% na classe dirigente, 72% na área da produção e 62% na administração. Por outro lado, dos trabalhadores por conta própria, apenas os dedicados a serviços domésticos remunerados apresentam a quase totalidade de mulheres, tendo em vista que estas atividades se constituem na mercantilização de tarefas tradicionalmente executadas por mulheres no interior das famílias. Já nas demais atividades autônomas, apenas um pouco mais de 1/4 de suas ocupações são executadas por mulheres.

A estruturação setorial por sexo mostra que apenas nos Serviços Sociais e nos Demais Serviços a atuação do sexo feminino é predominante e próxima a 3/4 dos ocupados. Por sua vez, a distribuição regional das categorias ocupacionais segundo o sexo não revela divergências acentuadas com relação à média do país (tabela 6). As informações indicam, para as regiões Sul e Nordeste, uma menor participação masculina, em face do maior peso relativo de mulheres na Agropecuária e nos Serviços Sociais e, particularmente nesta última região, na Indústria de Transformação e de Construção (representada pelas frentes de trabalho abertas pelo governo). As maiores divergências em relação à média nacional se verificam entre as mulheres da administração, semiqualficadas de nível superior de responsabilidade, que predominam nesta categoria, em todos os setores de todas as regiões.

Entre os autônomos, a diversidade é considerável, principalmente entre os que não são Profissionais Liberais ou do serviço doméstico, sendo que na Indústria da Transformação do Nordeste estão alocados apenas 1/3 de homens, enquanto nas demais regiões os ocupados no referido setor representam entre 72% e 95% do total.

2.5. A Participação dos Assalariados Segundo a Condição de Carteira Assinada

A segmentação dos assalariados nas categorias ocupacionais, segundo a condição de carteira assinada, revela um montante considerável de empregados sem registro na área da produção (60% dos ocupados), principalmente nas ocupações de semiqualficados de menor responsabilidade e de não-qualificados (tabela 8), incluídas as frentes de trabalho do NE.

Em todas as categorias ocupacionais burocráticas e de escritório, acima de 80% possuem registro em carteira. A diversidade setorial entre os trabalhadores com carteira e sem carteira é grande (tabelas 7 e 8), sendo que o maior percentual dos sem registro se situa na Agropecuária, onde 94% encontram-se nesta situação, as exceções se verificando entre os qualificados da produção e os ocupados na área administrativa, que representam um percentual insignificante do total dos ocupados do setor.

Também nos Serviços de Reparação e na Indústria da Construção, a

TABELA 6

PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA NAS CATEGORIAS OCUPACIONAIS, SEGUNDO O SEXO, POR REGIÕES (%)

Categorias Ocupacionais	Homens											Mulheres																																																																																																																																																																																																																																																																																																				
	RJ		SP		S		MG		ES		NE		DF		Fe		CO		N		Brasil																																																																																																																																																																																																																																																																																											
	R1	R2	R3	R4	R5	R6	R7	R8	R9	R10	R11	R12	R13	R14	R15	R16	R17	R18	R19	R20	R21	R22																																																																																																																																																																																																																																																																																										
Empresas	72,8	71,5	65,5	75,3	69,9	77,6	71,2	71,0	27,2	28,5	34,5	24,7	30,1	22,4	28,8	29,0	82,1	85,0	83,7	86,2	83,7	87,4	81,0	84,5	17,9	15,0	16,3	13,8	16,3	12,6	19,0	15,5	74,0	73,8	65,0	77,2	70,7	81,7	74,3	72,2	26,0	26,2	35,0	22,8	29,3	18,3	25,7	27,8	47,3	53,2	49,7	48,7	40,1	46,6	49,4	48,6	52,7	46,8	50,3	51,3	59,9	53,4	50,6	51,4	35,2	36,3	24,0	22,3	16,9	26,9	29,1	26,7	64,8	63,7	76,0	77,7	83,1	73,1	29,1	73,7	77,8	74,6	64,8	80,8	69,2	86,9	77,8	73,1	22,2	25,4	35,2	19,2	30,8	13,1	22,2	26,9	96,5	94,7	96,0	95,6	96,8	97,5	97,3	95,9	3,5	5,3	4,0	4,4	3,2	2,5	2,7	4,1	87,4	86,0	87,3	80,0	84,4	87,3	89,0	84,8	12,6	14,0	12,7	20,0	15,6	12,7	11,0	15,2	67,4	60,0	60,5	59,7	60,8	61,3	62,6	61,5	32,6	40,0	39,5	40,3	39,2	38,7	37,4	38,5	76,8	75,7	84,0	83,9	79,9	75,3	77,4	78,7	23,2	24,3	16,0	16,1	20,1	24,7	22,6	21,3	89,4	84,0	84,7	86,5	77,6	77,4	82,8	83,6	10,6	16,0	15,3	13,5	22,4	22,6	17,2	16,4	64,5	55,6	61,3	58,4	56,0	61,9	62,5	58,7	35,5	44,4	38,7	41,6	44,0	38,1	37,5	41,3	27,9	17,2	24,0	22,5	35,1	33,6	34,3	26,5	72,1	82,8	76,0	77,5	64,9	66,4	71,8	73,5	80,7	71,3	57,1	61,6	68,7	67,0	65,2	68,7	19,3	28,7	42,9	38,4	31,3	33,0	34,8	31,3	40,3	46,9	66,4	52,7	60,5	58,6	57,6	56,3	59,7	53,1	33,6	47,3	39,5	41,4	42,4	43,7	63,4	68,6	75,1	73,6	71,8	81,5	59,4	70,6	36,6	31,4	24,9	26,4	28,2	18,5	40,6	29,4	7,6	5,8	5,0	3,4	4,3	4,4	4,0	5,1	92,4	94,2	95,0	96,6	95,7	95,6	96,0	94,9	65,5	73,1	83,4	77,7	72,5	84,6	76,2	76,4	34,5	26,9	16,6	22,3	27,5	15,4	23,8	23,6	64,4	66,4	65,8	69,2	67,2	71,8	67,5	67,1	35,6	33,6	34,2	30,8	32,8	28,2	32,5	32,9

Fonte: FIBGE - PNAD/83, Tabulação Especial FIPE/USP.

TABELA 7

**PARTICIPAÇÃO DE ASSALARIADOS COM CARTEIRA ASSINADA, NA CATEGORIA OCUPACIONAL
SEGUNDO O SETOR DE ATIVIDADE – BRASIL**

Categorias Ocupacionais	Total (1)	Agrop.	Ind. de Transf.	Ind. de Constr.	Outras Ativ. Ind.	Comércio	Transp. e Comun.	Ativid. Financ.	Serviços Sociais	Adm. Publ. (2)	Serv. Repar.	Serv. A. Empr.	Demais Serv.	(%)
Produção	40,4	5,6	81,3	30,5	62,2	59,6	54,4	86,8	53,6	63,4	41,7	50,4	50,1	
Qualific. 1	72,0	84,3	96,8	94,9	93,4	90,3	91,4	62,4	63,5	52,7	69,3	59,5	58,1	
Qualific. 2	53,2	78,1	97,7	88,8	99,0	73,9	86,9	100,0	45,1	50,2	—	79,2	100,0	
Semiquaif. 1	38,1	5,2	80,5	54,3	55,1	60,3	93,0	80,5	68,5	64,6	41,6	38,6	45,3	
Semiquaif. 2	64,2	52,0	91,1	73,0	91,1	79,6	42,4	90,6	85,8	69,5	85,4	83,4	68,5	
Não-qualif.	22,7	19,3	72,8	1,0	85,3	43,2	32,0	53,6	66,1	77,7	25,9	54,7	62,7	
Administração	86,4	70,3	91,4	79,2	96,9	85,9	93,6	96,1	66,9	41,8	85,0	71,7	83,2	
Qualific. 1	94,7	95,9	98,3	93,7	96,9	97,3	98,4	99,3	82,5	48,2	78,9	72,0	94,1	
Qualific. 2	97,3	38,3	95,5	90,9	99,0	95,4	90,2	97,1	—	15,5	100,0	—	70,2	
Semiquaif. 1	88,4	74,7	93,0	76,3	96,4	86,8	93,2	96,5	71,9	25,4	50,9	70,9	66,9	
Semiquaif. 2	85,6	54,7	96,0	86,9	97,8	91,1	99,0	93,2	67,6	57,2	42,6	75,8	81,9	
Não-qualif.	79,2	64,8	83,2	75,3	95,6	76,4	89,4	93,3	61,5	69,2	18,6	72,4	85,6	
Total	46,6	5,9	83,1	33,1	70,1	67,1	59,6	93,4	57,8	43,5	40,7	62,2	61,8	

Notas: (1) Estatutários incluídos.

(2) Com carteira correspondem a CLT.

Fonte: FIBGE – PNAD/1983; Tabulação Especial FIPE/USP.

TABELA 8

PARTICIPAÇÃO DE ASSALARIADOS SEM CARTEIRA ASSINADA, NA CATEGORIA OCUPACIONAL, SEGUNDO O SETOR DE ATIVIDADE - BRASIL

Categorias Ocupacionais	Total (1)	Agrop.	Ind. de Transf.	Ind. de Constr.(2)	Outras Ativ. Ind.	Comércio	Transp. e Comun.	Ativid. Financ.		Atm. Sociais	Adm. Publ. (3)	Serv. Repar.	Serv. A. Empr.	Demais Serv.
								13,2	37,6					
Produção	59,6	94,4	18,7	69,5	37,8	40,4	45,6	13,2	46,4	36,6	58,3	49,6	49,9	
Qualific. 1	28,0	15,7	3,2	5,1	6,6	9,7	8,6	37,6	36,5	47,3	30,7	40,5	41,9	
Qualific. 2	46,8	21,9	2,3	11,2	1,9	26,1	13,1	-	54,9	49,8	100,0	20,8	-	
Semiqua. 1	61,9	94,8	19,5	45,7	44,9	39,7	7,0	19,5	31,5	35,4	58,4	61,9	54,7	
Semiqua. 2	35,8	48,0	8,9	27,0	8,1	20,4	57,6	9,4	14,2	30,5	14,6	16,6	31,5	
Não-qualif.	77,3	80,7	27,2	99,0	14,7	56,8	68,0	46,4	33,9	22,3	74,1	45,3	37,3	
Administração	13,6	29,7	8,6	20,8	3,4	14,1	6,4	3,9	33,1	58,2	15,0	28,3	16,8	
Qualific. 1	5,3	4,1	1,7	6,3	3,1	2,7	1,6	0,7	17,5	51,8	21,1	28,0	5,9	
Qualific. 2	2,7	61,7	4,5	9,1	1,0	4,6	9,8	2,9	100,0	84,5	-	100,0	29,8	
Semiqua. 1	11,6	25,3	7,0	23,7	3,6	13,2	6,8	3,5	28,1	74,6	49,1	29,1	33,1	
Semiqua. 2	14,4	45,3	4,0	13,1	2,2	8,9	1,0	6,8	32,4	42,8	57,4	24,2	18,1	
Não-qualif.	20,8	35,2	16,8	24,7	4,4	23,6	10,6	6,7	38,5	30,8	81,4	27,6	14,4	
Total	53,4	94,1	16,9	66,9	29,9	32,9	40,4	6,6	42,2	56,5	59,3	37,8	38,2	

Notas: (1) Estatutários incluídos nos com carteira.

(2) Incluídas as frentes de trabalho de emergência no Nordeste.

(3) Os sem carteira correspondem a estatutários.

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulação Especial FIPE/USP.

quantidade de trabalhadores sem carteira é considerável, sendo neste último setor representados por não-qualificados da área da produção na sua quase totalidade. Nas demais categorias este percentual é baixo. Nos setores mais dinâmicos, representados pela Indústria de Transformação e Atividades Financeiras, concentram-se a maior parcela de ocupados com carteira, particularmente nas categorias da produção, sendo os sem registro mais numerosos entre os não-qualificados.

Para os demais setores, nas categorias da produção, a segmentação é mais homogênea e os empregados com carteira representam entre 50% a 63% do total. Os sem carteira predominam entre os semiquualificados de menor responsabilidade, nos Serviços Auxiliares às Empresas e nos Demais Serviços e entre os não-qualificados do Comércio e dos Transportes e Comunicações.

Para as ocupações da administração como um todo, em todos os setores, os empregados que possuem vínculo empregatício legalizado em carteira superam os 70%. Dos que exercem atividades de serviço doméstico remunerado, cerca de 86% trabalham sem registro.

A distribuição regional dos ocupados nas categorias ocupacionais segundo a condição de vínculo legalizado ou não, revela que o registro em carteira é mais freqüente nas regiões mais desenvolvidas (São Paulo e Rio de Janeiro), sendo inferior no Nordeste (tabela 9).

2.6. O Nível de Escolaridade

A escolaridade média dos ocupados apresenta algumas variações em cada categoria ocupacional, relacionadas ao sexo, à condição de vínculo empregatício e à localização regional (tabelas 10 e 11). No global do país, o nível de escolaridade dos ocupados do sexo feminino, para a maior parte das categorias de ocupações, é ligeiramente superior ao dos homens, excetuando-se as categorias de qualificados da produção, os não-qualificados da administração e os Profissionais Liberais autônomos.

Por outro lado, uma divergência considerável se verifica entre os semiquualificados de maior responsabilidade da produção, em que para uma média masculina em torno de 5 anos de estudos, a feminina se situa em 10 anos, correspondendo principalmente a funções de caixa nas Atividades Financeiras.

Excetuando-se as ocupações qualificadas de nível técnico e as não-qualificadas da administração, nas demais categorias ocupacionais o nível médio de escolaridade dos ocupados com registro em carteira é superior ao dos sem registro.

No tocante às diferenças regionais observa-se que a região Nordeste apresenta níveis menores de escolaridade para todos os grupos de ocupações,

TABELA 9

PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA NA CATEGORIA OCUPACIONAL,
POR CONDIÇÃO DE CARTEIRA ASSINADA, SEGUNDO A REGIÃO

(%)

Categorias Ocupacionais	Com Carteira (1)										Sem Carteira						
	Brasil	RI RJ	RII SP	RIII S	RIV MG e ES	RV NE	RVI DF e CO	RVII N	Brasil	RI RJ	RII SP	RIII S	RIV MG e ES	RV NE	RVI DF e CO	RVII N	
Empresas(2)	48,4	68,5	65,5	46,6	39,4	29,1	47,3	58,3	51,6	31,5	34,5	53,4	60,6	70,9	52,7	41,7	
Produção	40,4	62,5	62,3	40,2	33,1	20,7	37,2	49,0	59,6	37,5	37,7	59,8	66,9	79,3	62,8	51,0	
Qualific. 1	72,0	72,3	72,8	76,7	68,3	67,8	76,3	67,4	28,0	27,7	27,2	23,3	31,7	32,2	23,7	32,6	
Qualific. 2	53,2	57,2	45,4	56,1	34,8	60,2	70,4	56,6	46,8	42,8	54,6	43,9	65,2	39,8	29,6	43,4	
Semiqua. 1	38,1	61,6	61,9	34,6	28,5	19,6	28,9	46,3	61,9	38,4	38,1	65,4	71,6	80,4	71,1	53,7	
Semiqua. 2	64,2	69,4	69,8	65,9	61,4	53,3	61,7	56,2	35,8	30,6	30,2	34,1	38,6	46,7	38,3	43,8	
Não-qualif.	22,7	62,6	64,3	70,7	56,5	4,9	42,8	38,6	77,3	37,4	35,7	29,3	43,5	95,1	57,2	61,4	
Administração	86,4	91,0	86,3	88,9	82,5	82,9	84,8	84,1	13,6	9,0	13,7	11,1	17,5	17,7	15,2	15,9	
Qualific. 1	94,7	93,3	94,8	97,0	93,8	93,3	97,4	93,2	5,3	6,7	5,2	3,0	6,2	6,7	2,6	6,8	
Qualific. 2	97,3	98,3	96,8	97,5	96,7	97,7	95,9	97,7	2,7	1,7	3,2	2,5	3,3	2,3	4,1	2,3	
Semiqua. 1	88,4	92,4	89,1	90,8	84,7	84,5	85,7	87,3	11,6	7,6	10,9	9,2	15,3	15,5	14,3	12,7	
Semiqua. 2	85,6	89,5	86,4	82,7	85,2	81,5	88,1	86,3	14,4	10,5	13,6	17,3	14,8	18,5	11,9	13,7	
Não-qualif.	79,2	87,1	78,3	82,7	73,4	77,2	76,7	74,1	20,8	12,9	21,7	17,3	26,6	22,8	23,3	25,9	
Conta Própria	3,9	7,2	7,7	4,4	3,5	1,4	1,7	1,4	96,1	92,8	92,3	95,6	96,5	98,6	98,3	98,6	
Prof. Liberais	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Serv. Domest.	13,9	11,0	19,6	20,2	10,4	7,8	5,2	5,3	86,1	89,0	80,4	79,8	89,6	92,2	94,8	94,7	
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
Total	37,1	54,0	55,1	35,7	30,1	20,7	33,4	42,1	62,9	46,0	44,9	64,3	69,9	79,3	66,6	57,9	

Notas: (1) Incluem estatutários da Administração Pública.

(2) Exclui Classe Dirigente.

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulação Especial FIPE/USP.

TABELA 10
MÉDIA DE ANOS DE ESTUDO DA POPULAÇÃO OCUPADA POR CATEGORIA OCUPACIONAL
BRASIL

Categorias Ocupacionais	Total			C/Carteira			S/Carteira		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Empresas									
Classe Dirigente	7,7	7,5	8,9	10,3	10,3	10,6	6,7	6,5	8,3
Produção									
Qualific. 1	8,3	8,6	8,0	8,1	8,5	7,7	8,6	8,8	8,5
Qualific. 2	12,1	13,9	11,5	12,2	14,0	11,2	12,0	13,5	11,7
Semiquail. 1	3,3	3,3	3,3	4,6	4,4	5,2	2,6	2,6	2,5
Semiquail.2	4,8	4,6	10,0	5,2	4,9	10,8	4,1	4,1	5,8
Não-qualif.	1,8	1,8	1,8	2,9	2,9	2,8	1,5	1,4	1,5
Administração									
Qualific. 1	10,4	10,1	11,5	10,3	10,0	11,4	10,8	10,4	11,9
Qualific. 2	12,2	11,8	13,7	13,7	13,5	14,0	10,8	10,5	13,0
Semiquail. 1	8,6	8,1	9,4	8,9	8,4	9,4	7,9	7,5	9,0
Semiquail. 2	10,3	9,4	10,5	10,4	9,7	10,7	9,8	8,9	10,1
Não-qualif.	3,6	3,8	3,2	3,6	3,8	3,2	3,7	3,9	3,3
Conta Própria									
Prof. Liberais	14,0	14,1	13,8	-	-	-	14,0	14,1	13,8
Serv. Domest.	2,7	2,4	2,8	2,9	2,3	2,9	2,7	2,4	2,7
Outros	2,8	2,7	3,3	-	-	-	2,8	2,7	3,3
Total	4,4	4,2	5,0	6,2	5,8	7,2	3,5	3,3	3,9

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulações Especiais FIPE/USP.

TABELA 11
MÉDIA DE ANOS DE ESTUDO DA POPULAÇÃO OCUPADA POR CATEGORIA OCUPACIONAL,
SEGUNDO AS REGIÕES

	RI - RJ	R II - SP	R III - S	R IV - MG e ES	R V - NE	R VI - DF e CO	R VII - N
	Total Homens	Total Homens	Total Homens	Total Homens	Total Homens	Total Homens	Total Homens
	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres
	Total	Total	Total	Total	Total	Total	Total
	Homens	Homens	Homens	Homens	Homens	Homens	Homens
	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres
	Total	Total	Total	Total	Total	Total	Total
Empresas	8,1	8,4	9,8	8,5	8,4	8,9	8,4
Classe Dirigente	8,1	8,4	9,8	8,5	8,4	8,9	8,4
Produção	8,6	9,0	8,2	8,5	7,9	8,2	8,5
Qualific. 1	8,6	9,0	8,2	8,5	7,9	8,2	8,5
Qualific. 2	13,6	14,6	13,0	13,6	14,1	13,4	13,6
Semiqual. 1	4,9	4,7	5,7	4,1	4,1	4,3	4,1
Semiqual. 2	5,9	5,8	11,0	4,6	4,3	10,1	4,6
Não-qualif.	3,3	3,3	3,7	3,2	3,2	3,2	3,2
Administração	11,0	10,8	11,7	10,6	10,3	11,5	10,6
Qualific. 1	11,0	10,8	11,7	10,6	10,3	11,5	10,6
Qualific. 2	12,4	12,2	14,5	13,3	13,2	13,8	13,3
Semiqual. 1	8,9	8,5	9,5	8,7	8,2	9,3	8,5
Semiqual. 2	10,8	10,5	10,9	10,7	9,9	10,9	10,5
Não-qualif.	4,5	4,6	4,0	3,5	3,8	2,9	3,5
Conta Própria	14,7	14,8	14,4	14,2	14,4	13,7	14,4
Prof. Liberais	14,7	14,8	14,4	14,2	14,4	13,7	14,4
Serv. Domest.	2,9	2,4	2,9	2,8	2,3	2,9	2,9
Outros	4,3	4,1	5,0	3,8	3,7	4,1	4,1
Total	6,2	6,1	6,5	5,4	5,2	5,8	6,1

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulações Especiais FIPE/USP.

relativamente às demais. As regiões do Rio de Janeiro e de São Paulo apresentam o maior nível regional e uma homogeneidade em toda estrutura ocupacional, quando comparados os níveis de escolaridade entre si. Esta homogeneidade também é encontrada entre as regiões Sul, Minas Gerais e Espírito Santo e Centro Oeste, com uma média intermediária de escolaridade. A região Norte revela uma média de anos de estudo próxima a destas últimas regiões, porém, para as categorias da classe dirigente e dos semiquualificados da produção, o nível se situa mais próximo às regiões mais desenvolvidas, resultante das características das indústrias ali localizadas.

2.7. A Remuneração Média Segundo as Categorias Ocupacionais

A remuneração média dos ocupados por horas trabalhadas, segundo as categorias ocupacionais e que refletem os níveis de qualificação, apresenta diferenças conforme as ocupações se localizem na área da produção ou administração na empresa. Por outro lado, é considerável o efeito da carteira assinada sobre as remunerações e este efeito é superior com relação ao sexo (tabelas 12, 13 e 14).

Nas empresas, as ocupações dos vários níveis de qualificação revelam remunerações superiores na área administrativa relativamente à área da produção. Já entre os autônomos, os profissionais liberais apresentam rendimentos da mesma grandeza das categorias de maiores remunerações das empresas, enquanto que os ocupados em serviços domésticos situam-se ainda abaixo dos não-qualificados das empresas.

De uma forma global, a remuneração dos homens é de 1,3 a 2 vezes superiores à das mulheres, respectivamente em cada categoria. Por sua vez, os empregados que trabalham com carteira assinada percebem em média rendimentos 65% superiores aos sem carteira, sendo que entre os homens este diferencial se reduz para 60% e entre as mulheres aumenta para 111%.

As diferenças regionais nas remunerações são consideráveis, revelando rendimentos superiores nas regiões mais dinâmicas de São Paulo e Rio de Janeiro e ainda do Norte (de 10% a 38% acima da média nacional), o Centro Oeste se situa na média, enquanto que as regiões menos industrializadas apresentam rendimentos inferiores à média (em torno de 14% a 19%), com maior intensidade no Nordeste (43%).

3. Características da Segmentação nas Categorias Ocupacionais

3.1. A Classe Dirigente

Na média da economia, a classe dirigente participa com 5% dos ocupa-

TABELA 12
RENDIMENTO MÉDIO DE TODOS OS TRABALHOS POR HORAS TRABALHADAS,
SEGUNDO AS CATEGORIAS OCUPACIONAIS – BRASIL (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)

Categorias Ocupacionais	Total			C/Carteira			S/Carteira		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Empresas									
Classe Dirigente	.083	.088	.054	.101	.108	.063	.077	.081	.050
Produção									
Qualific. 1	.039	.059	.019	.043	.065	.018	.030	.039	.022
Qualific. 2	.072	.147	.038	.093	.159	.045	.048	.116	.033
Semiquaif. 1	.010	.012	.006	.017	.019	.010	.006	.007	.003
Semiquaif.2	.030	.030	.051	.028	.027	.054	.034	.034	.025
Não-qualif.	.007	.007	.005	.009	.010	.007	.006	.006	.005
Administração									
Qualific. 1	.082	.087	.061	.080	.085	.062	.095	.105	.056
Qualific. 2	.116	.121	.087	.132	.142	.098	.100	.103	.058
Semiquaif. 1	.021	.025	.016	.021	.025	.017	.021	.024	.012
Semiquaif. 2	.036	.054	.029	.037	.058	.030	.031	.043	.024
Não-qualif.	.009	.009	.007	.010	.011	.007	.008	.008	.007
Conta Própria									
Prof. Liberais	.116	.131	.074	—	—	—	.116	.131	.074
Serv. Domest.	.005	.008	.004	.006	.007	.006	.004	.009	.004
Outros	.015	.016	.010	—	—	—	.015	.016	.010
Total	.021	.024	.012	.028	.032	.019	.017	.020	.009

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulações Especiais FIPE/USP.

TABELA 13

**DISTRIBUIÇÃO NAS CLASSES DE RENDIMENTOS(1),
DOS OCUPADOS SEGUNDO AS CATEGORIAS OCUPACIONAIS
BRASIL**

Categorias Ocupacionais	Sem rendimentos																	
	Até 1			Mais de 1 a 3			Mais de 3 a 5			Mais de 5 a 10			Mais de 10					
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres			
Empresas	2,8	2,2	5,7	19,9	18,9	26,6	15,9	15,6	17,5	28,3	28,9	25,3	30,4	33,3	14,6	2,0	0,6	9,6
Produção	15,4	7,8	22,5	43,0	29,4	55,8	13,9	16,4	11,5	17,3	28,1	7,1	9,2	16,9	1,9	1,0	1,0	1,1
Qualific. 1	17,4	3,8	22,3	30,4	10,1	37,8	14,8	8,7	17,0	17,7	20,7	16,5	19,0	55,5	5,7	0,3	0,5	0,2
Semiqua. 1	31,4	30,2	34,7	36,2	40,2	25,2	6,4	7,9	2,0	3,8	5,0	0,7	1,0	1,3	0,2	11,1	15,1	37,1
Semiqua. 2	5,2	5,1	6,2	44,5	45,4	24,1	26,5	26,4	27,7	16,9	16,6	23,9	5,9	5,7	10,9	0,8	0,7	3,3
Não-qualif.	74,8	73,0	84,7	21,9	23,4	13,6	1,3	1,5	0,2	0,3	0,3	-	0,1	0,1	-	0,5	0,4	1,5
Administração	1,4	1,2	2,1	15,5	14,2	20,3	20,9	19,8	25,1	33,9	33,6	34,9	27,8	30,7	16,8	0,2	0,1	0,8
Qualific. 1	1,9	1,9	2,0	11,3	10,9	13,2	15,8	14,8	20,9	26,4	24,8	34,6	43,6	47,0	26,1	0,4	-	2,5
Semiqua. 1	17,5	15,3	20,6	48,4	43,4	55,6	18,0	21,7	12,6	12,1	15,0	8,0	2,4	3,4	1,1	1,3	0,8	2,0
Semiqua. 2	9,4	4,0	11,3	41,5	34,3	44,1	21,0	23,3	20,1	19,7	22,2	18,9	7,0	14,6	4,3	1,3	1,2	1,3
Não-qualif.	38,5	31,4	52,6	56,0	56,5	45,8	5,6	7,5	0,5	1,6	2,2	0,1	0,2	0,2	-	1,8	2,1	0,8
Conta Própria	3,0	0,9	8,0	12,4	9,8	18,5	11,3	8,4	18,0	33,3	32,5	35,3	37,9	46,6	16,9	0,6	0,1	2,0
Prof. Liberais	82,8	54,4	84,3	15,4	35,4	14,3	0,1	1,0	0,1	0,02	0,2	0,01	0,1	1,0	-	1,5	7,9	1,1
Serv. Domest.	35,9	28,1	61,2	43,3	48,2	27,1	8,9	10,4	3,6	2,8	7,5	2,7	1,8	2,1	0,6	3,0	2,6	4,2
Outros																		
Total	33,6	27,4	46,3	35,6	39,0	28,6	8,9	10,7	5,3	7,6	9,1	4,5	4,4	5,8	1,5	9,5	7,5	13,5

Nota: (1) Em Salários Mínimos

Fonte: FIBGE - PNAD/1983, Tabulações Especiais, FIPE/USP

dos, sendo que as diferenças setoriais se estendem desde uma participação de 2% até 10,8% (tabela 1), sendo as maiores participações situadas nos setores de estrutura produtiva mais avançada e as menores nos mais tradicionais. Regionalmente observa-se, também, que a representatividade aumenta com o maior dinamismo da região (tabelas 2 e 3).

Com relação ao sexo, os homens são mais numerosos, assumindo, em média, 85% destas ocupações, embora com menor intensidade nos setores de Serviços Sociais (apenas 26%), no Comércio, nas Atividades Financeiras, nos Serviços Auxiliares às Empresas e nos Demais Serviços (com participação ainda consideráveis entre 64% e 70% de homens) (tabelas 4 e 5).

As informações sobre remunerações não refletem todos os ganhos desta categoria, os quais estão associados também aos lucros da empresa ou percebidos sob a forma de *fringe benefits*. Por outro lado, a condição de carteira assinada não reflete a situação de condição de trabalho protegida ou não, uma vez que as formas de contrato sem carteira para estes executivos ou a condição de proprietários (correspondendo a 52% dos dirigentes, em média), asseguram uma condição superior de trabalho e ganhos.

Observando-se o nível de escolaridade, verifica-se, no global da economia, uma média em torno de 8 anos de estudos, sendo superior para as mulheres (9 anos) e para os dirigentes com carteira assinada (acima de 10 anos), enquanto que para os sem registro a média é de 7 anos de estudo; entre estes últimos, os proprietários caracterizam-se por um nível menor de escolaridade. A distribuição regional do nível de escolaridade revela que para as regiões mais industrializadas do Rio de Janeiro, São Paulo e Norte, a média de anos de estudos situa-se acima do global da economia e, para as demais regiões, encontra-se abaixo, com os menores níveis verificando-se no Nordeste (tabelas 10 e 11).

A distribuição desta classe segundo as faixas de rendimento indica que 30% dos ocupados percebem rendimentos superiores a 20 Salários Mínimos, enquanto que 39% recebem até 5 SM, supondo-se que entre estes encontra-se grande parte dos proprietários de empresas de menor porte e que utiliza técnicas mais tradicionais.

3.2. Os Qualificados nas Empresas

Os qualificados participam, em média, com 13% dos ocupados nas empresas, situando-se em maior número na área da produção e nos setores de Serviços Sociais, Administração Pública e Atividades Financeiras, onde os ocupados que possuem nível técnico de escolaridade são menos representativos que os de nível superior. Por sua vez, na área burocrática e de escritório, a

representatividade é baixa, situando-se pouco acima de 1,5%, sendo em maior número os de menor nível de escolaridade.

Regionalmente, a maior intensidade de participação ocorre nas regiões mais industrializadas do Rio de Janeiro e de São Paulo, situando-se, também, com participação acima da média nacional no Norte. O Centro Oeste situa-se em torno da média, sendo as demais regiões as de menor representatividade.

Na grande parte dos setores, a participação dos homens é superior a 80% e com maior destaque na área da produção, chegando até a totalidade nos Serviços de Reparação. A exceção ocorre nos Serviços Sociais, onde esta situação se inverte, tanto para o nível técnico quanto para o superior. Verifica-se, também, que nas regiões mais desenvolvidas é relativamente maior o número de homens na área da produção, destas categorias ocupacionais.

Com relação à condição de carteira assinada, verifica-se que cerca de 60% dos trabalhadores da produção e mais de 95% da administração das empresas possuem registro em carteira. Os ocupados sem registro predominam nos setores de Serviços Sociais, Serviços de Reparação e Serviços Auxiliares às Empresas e com maior intensidade entre os ocupados com nível superior. Regionalmente, a participação dos trabalhadores com registro na área da administração não apresenta discrepâncias consideráveis, o mesmo não acontecendo na produção, onde o número dos que trabalham com registro é proporcionalmente menor nas regiões menos desenvolvidas.

O nível médio de anos de estudo situa-se entre 8 a 14 anos, sendo superior para o sexo masculino na produção e para as mulheres da administração, verificando-se poucas divergências regionais, nesta categoria.

A remuneração média por horas trabalhadas é a mais elevada relativamente à média nacional e às demais categorias, situando-se numa faixa entre 86% a 450% superior, ocorrendo com maior intensidade entre os ocupados da administração, entre os de escolaridade superior e entre os homens. Regionalmente, as dispersões quanto à média nacional são positivas nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, e negativas nas demais, com maior intensidade negativa no Nordeste (em torno de 41% a 46% na produção e 21% a 28% na administração) e no Norte (entre 21% e 28% nas várias categorias). Os ocupados destas categorias distribuem-se com maior intensidade nas faixas de rendimentos de 1 a 5 Salários Mínimos para os da produção e de 3 a 10 Salários Mínimos para os da administração.

3.3. Os Semiqualiificados nas Empresas

Correspondem a cerca de 52% do total de ocupados do país, localizando-se principalmente entre as ocupações da produção de menor nível de respon-

sabilidade (quase 40%). Na administração, os de menor nível são em número proporcionalmente superior com relação aos de maior responsabilidade.

A análise setorial indica diferenças notáveis, ou seja, enquanto que os de menor responsabilidade da área da produção dos setores de Agropecuária, Indústria de Transformação, Outras Atividades Industriais e Serviços de Reparação são relativamente numerosos, atingindo entre 45% a 68% dos ocupados de cada setor, os ocupados em setores como Atividades Financeiras e Serviços Sociais atingem apenas de 4% a 9%. Uma exceção entre os de maior responsabilidade da produção ocorre no setor de Transportes e Comunicações, que absorve 51% de ocupados neste nível, para uma representatividade abaixo de 5% nos demais setores.

Na área burocrática e de escritório, os ocupados de menor responsabilidade das Atividades Financeiras, Administração Pública (ambas com 38% de trabalhadores) e dos Serviços Auxiliares às Empresas (27%) são os mais representativos. Nos setores de Outras Atividades Industriais, Comércio e Serviços Sociais, esta última categoria é ocupada por cerca de 10% dos trabalhadores, sendo inferiores a este montante nos demais setores.

A distribuição espacial dos semiqualeificados indica uma representatividade acima da média nacional dos trabalhadores de menor responsabilidade da produção nas regiões Sul e de Minas Gerais e Espírito Santo (em torno de 46%), enquanto que no Rio de Janeiro e no Norte estes representam pouco mais de 30%. Nas ocupações administrativas, os semiqualeificados do Rio de Janeiro, São Paulo, Centro Oeste e Norte apresentam participações acima da média nacional, sendo negativas as dispersões nas demais regiões.

Observando-se a segmentação por sexo nestas categorias de ocupações, verifica-se que na área da produção os homens atingem 73% para os de menor responsabilidade e 96% no maior nível, com diversidades setoriais consideráveis. Enquanto que no maior nível de responsabilidade, em todos os setores, os homens representam mais de 96% (exceto nas Atividades Financeiras, onde representam 70%), no de menor responsabilidade o sexo masculino participa com apenas 1/3 dos ocupados nos Serviços Sociais e cerca de 58% nas Atividades Financeiras e Demais Serviços.

Na área da administração as ocupações de menor responsabilidade são exercidas por 59% de homens e as de maior nível por 74% de mulheres, na média da economia. Em ambas as categorias as diferenças setoriais são consideráveis e as mais significativas encontram-se entre os ocupados de menor responsabilidade dos Serviços Sociais, em que a menor parcela (30%) é executada por homens, situando-se bem abaixo da média da economia, e na Agropecuária, na Indústria da Construção, em Outras Atividades Industriais e Administração Pública, onde a representatividade de homens situa-se entre 71% a 78% (acima da média). Entre os de maior responsabilidade desta área

de administração, mais de 93%, na Agropecuária, são do sexo masculino, sendo que outras diferenças significativas, acima da média da economia, verificam-se em Outras Atividades Industriais, na Administração Pública e nos Demais Serviços.

Regionalmente, observa-se que as diferenças não são tão acentuadas na área da produção, porém nas regiões do Nordeste e do Sul os homens são proporcionalmente menos numerosos entre os de menor responsabilidade, participando com maior relevância nas demais regiões. Entre as ocupações da área burocrática, a região mais desenvolvida de São Paulo revela, nos dois níveis de responsabilidade, uma maior participação de mulheres relativamente às demais regiões.

As informações sobre a condição de carteira assinada indicam a existência de um grande percentual de empregados não registrados nas ocupações de menor responsabilidade da produção (62%), particularmente nos setores da Agropecuária (onde a quase totalidade trabalha sem registro em carteira), Serviços de Reparação, Serviços Auxiliares às Empresas e Demais Serviços, em que mais da metade dos ocupados exercem atividades sem carteira. Nos setores mais dinâmicos da Indústria de Transformação e Atividades Financeiras, cerca de 81% dos trabalhadores têm registro em carteira nestas categorias. Dos ocupados de maior responsabilidade, mais de 64% trabalham com registro e apenas nos setores de Transportes e Comunicações os ocupados sem carteira superam a metade dos trabalhadores.

Na área da administração, para os dois níveis de responsabilidade, cerca de 87% de ocupados têm registro, diferindo as participações apenas nos Serviços de Reparação, onde aproximadamente 50% possuem carteira assinada.

A nível regional, observa-se, nas regiões mais desenvolvidas do Rio de Janeiro e São Paulo, que os ocupados da produção de maior nível, que possuem carteira, têm uma representatividade bem superior (62%) à média nacional, sendo consideravelmente inferior a esta média, no Nordeste, nos dois níveis da produção.

Os rendimentos totais médios por horas trabalhadas situam-se em um intervalo de menos 52% relativamente à média nacional (para os de menor nível da produção) até mais de 71% (para os demais), observando-se que, de um modo geral, os homens e os ocupados da administração auferem ganhos superiores nestas categorias ocupacionais, sendo que para as mulheres que trabalham em ocupações de maior responsabilidade da produção as remunerações são consideravelmente superiores.

A média de anos de estudo para os semiqualeificados situa-se entre 3 a 5 anos, para os da produção, com exceção das mulheres que exercem atividades de maior responsabilidade, as quais apresentam escolaridade média de 10

anos; para os da administração, o nível médio de anos de estudos situa-se entre 8 a 11 anos, sendo superior para as mulheres.

Observa-se, ainda, que cerca de 67% dos ocupados de menor responsabilidade e aproximadamente 50% dos de maior nível de responsabilidade se localizam nas faixas de remuneração de até 3 SM.

3.4. Os Não-qualificados nas Empresas

Os não-qualificados correspondem a cerca de 10% dos ocupados nas empresas (com uma representatividade ligeiramente superior na produção) concentrando-se com maior intensidade na Indústria da Construção (35% na produção), nas Atividades Financeiras, Serviços Sociais e Administração Pública.

Regionalmente, na área da produção do Nordeste a participação dos não-qualificados é de 14% do total de ocupados, enquanto que nas demais regiões situam-se entre 2 a 3,5%. Na área burocrática, no Sul, na região que engloba Minas Gerais e Espírito Santo e, no Nordeste, concentram-se cerca de 3% de não-qualificados, ocorrendo nas demais regiões uma participação entre 4% e 7%.

A participação segundo o sexo, indica comportamentos diversos entre setores, tanto na área da produção quanto burocrática. Na produção, aproximadamente 85% dos ocupados, em média, são do sexo masculino, chegando à quase totalidade na maior parte dos setores, com exceção dos Serviços Sociais e dos Demais Serviços (respectivamente, com cerca de 33% e 48% de homens). Já na administração a média geral é de aproximadamente 69% do sexo masculino, com participação entre 68% a 98% nos distintos setores, apresentando, ainda, exceção nos Serviços Sociais, onde as mulheres atingem 61%.

As diferenças regionais mostram uma maior representatividade de homens no Rio de Janeiro e em São Paulo, relativamente às demais regiões, ocorrendo maior participação relativa de mulheres em Minas Gerais e Espírito Santo, embora ainda situando-se em níveis baixos (em torno de 20% na produção e 38% na área burocrática).

A situação dos não-qualificados no concenente à vinculação legalizada ou não por registro em carteira, revela, na média do país, que mais de 77% na produção trabalham sem registro, localizando-se particularmente nos setores da Agropecuária, Indústria da Construção, Transportes e Comunicações e Serviços de Reparação, embora seja considerável (cerca de 50%) o número de ocupados nestas condições no Comércio, nas Atividades Financeiras e nos Serviços Auxiliares às Empresas. Na área burocrática observa-se o oposto, pois cerca de 80% encontram-se trabalhando com carteira assinada e apenas nos Serviços de Reparação a participação dos sem carteira é superior a 81%.

Regionalmente, as discrepâncias são muito grandes no tocante a este aspecto. Na área de produção do Nordeste, por exemplo, apenas cerca de 5% dos trabalhadores têm registro em carteira, o que explica a média nacional, porquanto para as demais regiões a situação não é desta ordem. Nas regiões do Rio de Janeiro, São Paulo, Sul e Minas Gerais e Espírito Santo os ocupados com carteira representam entre 57% a 71% e, nas restantes, aproximadamente 40%. Na área administrativa observam-se divergências regionais pouco significativas.

A remuneração dos não-qualificados das empresas situa-se na faixa de cerca de 57% a 67% abaixo da média nacional, revelando-se uma situação ligeiramente privilegiada para os homens, para os ocupados na administração e para os que possuem vínculo empregatício em carteira. Observa-se que dos ocupados na produção, cerca de 75% ganham até 1 SM e 97% até 3 SM, enquanto que na administração 95% recebem até 3 SM e destes 39% ganham até 1 SM.

A escolaridade média situa-se próxima a dois anos de estudos para os da produção (os com carteira atingindo 3 anos) e 4 anos para os da administração. Entre as regiões verifica-se um nível ligeiramente inferior no Nordeste e superior para o Rio de Janeiro.

3.5. Os Ocupados por Conta Própria

Situações bem diversificadas apresentam as categorias ocupacionais de autônomos, pela própria natureza dos serviços ofertados e respectivo grau de qualificação exigido, entre os que exercem atividades como Profissionais Liberais, de serviços domésticos, ou outras ocupações.

Os Profissionais Liberais participam, na média do país, com apenas cerca de 0,4% dos ocupados e se localizam somente nos Serviços Auxiliares às Empresas (onde participam com mais 8%) e nos Serviços Sociais (acima de 3%). Esta representatividade é mais intensa nas regiões mais desenvolvidas de São Paulo e Rio de Janeiro, com predominância do sexo masculino com uma participação média de 57% nos Serviços Sociais e de mais de 83% nos Serviços Auxiliares às empresas.

O rendimento médio destes Profissionais Liberais, por horas trabalhadas, é o mais alto observado, relativamente às demais categorias, situando-se em cerca de 450% acima da média do país e com maior intensidade para a remuneração masculina, que atinge até 550% acima da média. As informações indicam que mais de 71% ganham mais de 5 SM e que o nível de escolaridade se situa em torno de 14 anos de estudo.

Os trabalhadores autônomos dedicados aos serviços domésticos remune-

rados correspondem a pouco mais de 7% dos ocupados do país, localizando-se especificamente no setor de Demais Serviços, (que concentra cerca de 51% dos ocupados), enquanto que no Nordeste e no Sul a participação é menor, em torno de 5,5% nestas atividades. Apenas 5% dos trabalhadores são do sexo masculino, por se tratar de atividades tradicionalmente exercidas por mulheres no interior das residências, quando não profissionalizadas.

Destes ocupados em serviços domésticos, 14% trabalham com carteira assinada, com diferenças regionais consideráveis que se situam num intervalo entre 5% no Centro Oeste e no Norte, até 20% no Sul e em São Paulo. Por sua vez, a remuneração média por horas trabalhadas é a mais baixa, relativamente às demais categorias da estrutura ocupacional, situando-se em torno de 76% abaixo da média do país, com ganhos superiores para os homens e os que possuem registro em carteira. Cerca de 98% destes trabalhadores recebem até 3 SM (sendo que 83% até 1 SM) e o nível médio de escolaridade se situa em 3 anos de estudos, sendo ligeiramente superior para as mulheres.

Os demais autônomos, representam, em média, uma participação de 19% dos ocupados, concentrando-se mais intensamente nos setores da Agropecuária, Indústria da Construção, Comércio, Serviços de Reparação e Demais Serviços, e regionalmente concentram-se principalmente no Nordeste, no Norte, no Sul e no Centro Oeste. No Rio de Janeiro e em São Paulo a representatividade é da ordem de 12% a 14%.

Dos ocupados nestas atividades, mais de 76% são do sexo masculino, atingindo a quase totalidade em alguns setores, mas participam com montantes abaixo desta média na Indústria de Transformação, Outras Atividades Industriais, Serviços Sociais e Demais Serviços, onde predomina o trabalho feminino. Os rendimentos médios situam-se em uma faixa cerca de 30% abaixo da média nacional e com maiores ganhos para os homens, sendo que 79% recebem até 3 SM e 36% até 1 SM. O nível médio de escolaridade situa-se em 4 anos de estudo, sendo inferior a este nível no Nordeste, em Minas Gerais e Espírito Santo e no Centro Oeste.

Destas últimas ocupações autônomas, verifica-se que, para o total do país, cerca de 72% dos trabalhadores se dedicam a atividades de semiquualificados (dos quais 47% não contribuem para a Previdência Social), sendo a quase totalidade de nível inferior de responsabilidade, 24% exercem ocupações não-qualificados (destes, 88% não contribuintes da Previdência) e perto de 4% a qualificados de nível técnico (dos quais apenas 19% não contribuem para a Previdência). As informações indicam, ainda, que estas representatividades médias são fortemente influenciadas pela considerável discrepância apresentada pelo Nordeste, tendo em vista que nesta região as ocupações exercidas pelos semiquualificados de forma autônoma representam 50% (67% dos quais sem contribuição) e por 48% de não-qualificados (sendo que 96% destes não

nos Serviços de Reparação a participação dos sem carteira é superior a 81%. são contribuintes da Previdência). Para as demais regiões, a participação dos semiquualificados é ainda superior à média nacional, atingindo, com exceção do Norte, entre 80% a 84% (dos quais apenas 1/3 de ocupados não apresenta contribuição), para uma participação aproximada de 12% de não-qualificados.

Referências Bibliográficas

- BACHA, E. L. Hierarquia e remuneração gerencial. *Estudos Econômicos*, 4(1):143-192, jan./abr. 1974.
- CACCIAMALI, M. C. *A estrutura regional do emprego no Brasil ao longo da década de 80: tendências ao assalariamento*. São Paulo, FIPE/USP, 1988.
- . *Setor informal urbano e formas de participação na produção*. São Paulo, IPE/USP, 1983. (Série Ensaio Econômico, nº 26).
- DAHRENDORF, R. *Class and class conflict in industrial societies*. California, Stanford University Press, 1959.
- D'IRIBARNE, A. & STORPER, M. Les qualifications et leur évolutions. In: *La qualification du travail: de quoi parle-t-on?* Paris, Documentation Française, 1978.
- FAUGÈRE, J. P. & VIRVILLE, M. Essai sur différentes approches de la qualification. In: *La qualification du travail: de quoi parle-t-on?* Paris, Documentation Française, 1978.
- GALBRAITH, J. K. *O novo estado industrial*. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- KON, A. Desenvolvimento capitalista e emprego. *Pesquisa e Debates*, 5, São Paulo, EDUC, dez. 1988.
- . *Mensuração e avaliação das atividades terciárias da economia paulista*. Dissertação de mestrado. São Paulo, IPE/USP, 1985.
- SCHOENBERGER, E. Multinational corporations and the new international division of labor: a critical appraisal. *International Regional Science Review*, 11(2):105-119, 1988.
- SCOTT, A. J. & STORPER, M. Indústria de alta tecnologia e desenvolvimento regional: uma crítica e reconstrução teórica. *Espaço e Debates*, 25, Cortez Ed. e Liv. Ano VIII, 1988.
- TAQUILLE, J. R. & OLIVEIRA, C. E. M. *Difusão da automação no Brasil e os efeitos sobre o emprego*. Rio de Janeiro, IEI/UFRJ, 1987.

(Originais recebidos em julho de 1989).